

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



LEONARDO SEVERO DE LARA

**O “FUTEBOL GAÚCHO” CONQUISTA O MUNDO: IDENTIDADE
REGIONAL NAS PÁGINAS DO CORREIO DO POVO (1983 e 2006)**

PORTO ALEGRE

07 de Dezembro de 2011

LEONARDO SEVERO DE LARA

O “FUTEBOL GAÚCHO” CONQUISTA O MUNDO: IDENTIDADE REGIONAL NAS PÁGINAS DO CORREIO DO POVO (1983 e 2006)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História, pelo curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

PORTO ALEGRE

07 de Dezembro de 2012

AGRADECIMENTOS

Gostaria de fazer aqui um destaque às pessoas que considero importante não só no caminho percorrido junto à universidade, mas na minha vida.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu filho Antônio. Em momentos onde faltavam motivações para seguir em frente, a presença dele, sem dúvida, fora o meu maior alento.

Não poderia deixar de prestar meus agradecimentos ao Professor Guazzelli que aceitou me orientar nesta pesquisa, se fazendo presente sempre que necessário.

Gostaria de agradecer a todos os amigos que fiz junto ao curso de História, em especial ao pessoal do Erectus Futebol Selvagem e principalmente aos amigos Felipe Praia, Antônio “Topo” Melo e Luiz “Erectus” Felipe.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de deixar meus agradecimentos para toda a minha família: meu pai Cláudio, minha mãe Ana Raquel, meus irmãos Gustavo e Júlia e em especial ao meu avô João Francisco. Todos os outros entes, tios, tias, primos, primas e demais avós, sintam-se abraçados com meus sinceros agradecimentos.

*“A maior parte daquilo que sei da vida
aprendi jogando futebol”.*

(Albert Camus)

RESUMO

O futebol, esporte de origem bretã, atingiu um nível de prestígio em continentes sul-americanos que talvez nem mesmo no seu continente de origem tenha alcançado. Segundo o historiador Eric Hobsbawm, ele é “o esporte que o mundo tornou seu”. No Brasil, ele viria a se constituir num importante elemento da discussão acerca da identidade nacional. Contudo, fora preciso um longo caminho, tenso e conflituoso, ultrapassando barreiras sociais excludentes e o elitismo inerente ao esporte na sua fase inicial. De grande capacidade aglutinadora e mobilizadora, o futebol, ao mesmo tempo em que era utilizado num discurso de unificação do sentimento nacional, fora também empregado nas manifestações regionalistas. O Rio Grande do Sul, estado que ao longo de sua formação manteve uma relação junto ao poder central de aproximações e afastamentos, constitui-se num dos mais importantes exemplos de regionalismo. A partir da análise dos títulos mundiais de futebol de Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional, o trabalho busca perceber através da visão da fonte utilizada, o jornal Correio do Povo, um sentimento de identidade regional a partir destas conquistas. Da mesma forma buscar-se-á, para os mesmos eventos, uma análise do sentimento de identidade clubística.

Palavras Chaves: Futebol, Identidade regional, Identidade clubística, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. FUTEBOL E A IDENTIDADE COLETIVA	16
1.1 FUTEBOL NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL.....	17
1.2 O DISCURSO DE “GAÚCHO” GANHA MAIS UM ELEMENTO: O FUTEBOL REPRESENTANDO O SENTIMENTO DE IDENTIDADE REGIONAL NO RIO GRANDE DO SUL.....	21
2. O “FUTEBOL GAÚCHO” CONQUISTA O MUNDO: A DUPLA GRE-NAL É CAMPEÃ MUNDIAL DE FUTEBOL	25
2.1 O “FUTEBOL GAÚCHO” CHEGA AO MESMO PATAMAR DO “FUTEBOL BRASILEIRO”.....	26
3. OS SENTIMENTOS DE IDENTIDADE E O CORREIO DO POVO	31
3.1 O SENTIMENTO DE IDENTIDADE REGIONAL.....	32
3.2 O SENTIMENTO DE IDENTIDADE CLUBÍSTICA.....	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
FONTES	46
BIBLIOGRAFIA	46

INTRODUÇÃO

O futebol tornou-se um dos esportes mais populares do mundo. Para o historiador Eric Hobsbawm, o esporte fora tomado como seu por toda a sociedade mundial.¹ No Brasil o esporte goza de grande prestígio junto à população, sendo por muitos considerado o “país do futebol”; ou, como diria o escritor Nelson Rodrigues, “a pátria em chuteiras”². Contudo, Hilário Franco Júnior ressalta que no país “[...] o futebol é bastante jogado e insuficiente pensado”³. Ainda segundo o autor, existe uma interpretação sociológica do futebol que insiste em ver nele um “ópio do povo”, como uma atividade que aliena o homem e o afasta da reflexão.⁴ Para, então, afastarmos este tipo de interpretação, não podemos mais negligenciar tal temática, que somente nos últimos anos vem despertando maior interesse dos pesquisadores.

Este presente trabalho pretende analisar, através da visão do Jornal Correio do Povo, os sentimentos de identidade entre torcedores, clubes e o estado que os mesmos pertencem Para tal, utilizar-me-ei dos títulos mundiais de futebol conquistados pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, no ano de 1983, e pelo Sport Club Internacional, no ano de 2006. A partir da observação das reportagens e crônicas esportivas contidas no jornal, busquei analisar como elas pretendem demonstrar sentimentos de identidade regional – a relação entre os torcedores e o estado do Rio Grande do Sul – e também de identidade clubística. – a relação entre os torcedores e a dupla Gre-Nal. Este termo faz referência ao confronto entre Grêmio e Internacional, entretanto aqui será utilizado também para se referir às duas agremiações futebolísticas.

Gerson Wasen Fraga desenvolveu em sua Tese de Doutorado “*A derrota do Jeca*” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950, de 2009, situada temporalmente no período da Copa do Mundo de 1950, sediada pelo Brasil, conceitos acerca da importância do futebol na constituição da identidade brasileira, trabalhando, conjuntamente, a forma que a imprensa vislumbrou este processo. Em relação ao Rio Grande do Sul, a Monografia de Rodrigo Catto de Cardia, “*Jean Marie, o Brasil vai até o Chuí*”: futebol e identidade “gaúcha” nas

¹ HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. O Breve Século XX. 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 196.

² RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras. São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

³ FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.11.

⁴ Ibidem, p. 167.

páginas da Folha Esportiva (1967-1972), também de 2009, utilizando da mesma forma jornais como fonte de pesquisa, busca, a partir de três eventos específicos, situados dentro do recorte temporal delimitado pelo autor, demonstrar como a imprensa participou no processo de constituição de uma identidade “gaúcha” no estado. Em que pese à relevância da temática, o estudo aqui realizado vem a contribuir na análise, a partir do futebol, das identidades formadas junto a um clube e a uma região. Se ainda considerarmos o recorte temporal da mesma, pode-se perceber uma carência de bibliografias teóricas, uma vez que o período pode ser considerado recente.

O futebol no Brasil, após um longo processo que viria a superar a elitização e exclusão social no mesmo, transformou-se em um importante elemento da constituição da identidade brasileira. Muitas são as teorias que tentam dar conta da chegada deste no país. Há uma forte tendência em se creditar a chegada do esporte bretão através de dois jovens brasileiros das elites paulista e carioca, Charles Miller e Oscar Cox respectivamente. Os dois foram concluir seus estudos na Europa, sendo que o primeiro regressou da Inglaterra enquanto o segundo da Suíça e trouxeram a prática ao Brasil. Contudo, de acordo com Francisco Carlos Teixeira da Silva, existem outras narrativas sobre a inserção do esporte no país. Seriam, segundo ele, narrativas menos glamorosas e aristocráticas, que demonstram uma diversidade nesta origem.⁵

“Assim, o futebol não seria uma importação exclusiva de rapazes educados da elite brasileira. Bem antes de Miller&Cox trazerem suas bolas e chuteiras para o Brasil – Miller, em 1984, e Cox em 1987 –, garotos pobres, escravos e forros viam, e copiavam no possível, os marinheiros ingleses correndo selvagememente atrás de bolas nos quarteirões do porto do Rio de Janeiro.”⁶

Não se pode deixar de lado outra via de entrada do futebol no país que se tem registro, a “*via platina*”, assim chamada pelo professor Gilmar Mascarenhas. Conforme este, “O êxito da difusão do futebol local [no Rio Grande do Sul] está intimamente

⁵ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, Futebol: Uma Paixão Coletiva. In: Memória social dos esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006. p. 27

⁶ Idem.

relacionado à influência platina, principalmente de Montevideo.”⁷ Mascarenhas vai além e destaca o papel das ferrovias que vinham, principalmente no início do século XX, expandindo-se pelo território uruguaio e argentino, chegando à campanha gaúcha. “Tais conexões propiciaram as vias ‘platinas’ de penetração do futebol em terras riograndenses [...]”⁸

A par de toda esta discussão acerca da origem no futebol no país, os estudos e pesquisas não são capazes de determinar precisamente um local que fora o berço deste esporte, uma afirmativa, contudo, impera-se relevante: o futebol viria a se tornar um produto que despertava o interesse de todos brasileiros. Desde o princípio, “torna-se o assunto que prendia e despertava a atenção de todos: do operário, do intelectual e do negociante.”⁹

O recorte temporal, já destacado, será para os anos de 1983, ano da conquista gremista, e para o ano de 2006, ano da conquista colorada. No entanto, mesmo a análise estando centrada nos títulos mundiais de clubes, fora preciso analisar a conquista da Taça Libertadores da América, torneio Sul-Americano que permite ao campeão disputar o Campeonato Mundial Interclubes¹⁰, disputado tradicionalmente em dezembro. Dessa maneira, focar-se-á nos meses de julho e dezembro de 1983, e nos meses de agosto e dezembro de 2006. A escolha destes eventos segue, em grande parte a opção de quem realiza a pesquisa, entretanto, segue também a relevância que a capital gaúcha e o Estado do Rio Grande do Sul atingem com tais feitos.¹¹

Para a análise dos eventos da pesquisa, utilizei-me, como já citado, do Jornal Correio do Povo, buscando nas declarações das autoridades futebolísticas (presidentes

⁷ MASCARENHAS, Gilmar. A via platina de introdução do futebol no RS. Lecturas: Educación Física y Deportes – Revista Digital – Buenos Aires – Año 5 – Nº 26 – Octubre de 2000. p. 01.

⁸ Ibidem, p. 04

⁹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. Op. Cit. p. 31.

¹⁰ O nome deste torneio variou ao longo de sua história, passando de Taça Intercontinental (1960 – 1979), para Mundial Interclubes (1980 – 2004), chegando ao nome conhecido e utilizado oficialmente até os dias de hoje, Campeonato Mundial de Clubes da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA). Existe uma grande rivalidade no Rio Grande do Sul acerca destas conquistas; os gremistas destacam a primogenitura de seu título em relação ao seu rival, o Internacional, já os colorados salientam que sua conquista é reconhecida pela FIFA, enquanto a dos primeiros não tem reconhecimento oficial da entidade. Esta decisão, meramente arbitrária da FIFA, não modifica em nada o sentimento que os torcedores têm para com os seus respectivos clubes, na medida em que esta padronização serve muito mais para a famosa “flauta” entre torcedores, do que propriamente uma não legalidade da conquista em termos mundiais.

¹¹ Porto Alegre é uma entre apenas sete cidades que possuem dois campeões mundiais, somando-se à Buenos Aires, com os títulos do River Plate (1986) e do Boca Juniors (1977 e 2000); à Avenalleda, com o Racing (1967) e o Independiente (1973 e 1984); à São Paulo, com o São Paulo (1992, 1993 e 2005) e o Corinthians (2000); à Montevideu com as conquistas de Peñarol (1961, 1966 e 1982) e Nacional (1971, 1980 e 1988); à Madrid com o Real Madrid (1960, 1998 e 2002) e Atlético de Madrid (1974); e à Milão com as vitórias de Internazionale (1964, 1965 e 2010) e Milan (1969, 1989, 1990 e 2007).

de federações esportivas e dos próprios clubes) e nas reportagens e crônicas esportivas, elementos que possam fazer menção aos tipos de identidades analisadas: a regional e a clubística.

A escolha deste periódico se deu pela importância que o mesmo tem para com o Rio Grande do Sul. Fundado em 1895, por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, o *Correio do Povo* foi lançado ao mercado como um jornal “apartidário”, diferentemente de seus concorrentes *A Federação*, ligado ao Partido Republicano Riograndense, e *A Reforma*, ligado ao Partido Republicano Federal. Apresentando-se “neutro politicamente” o *Correio do Povo* buscou passar a imagem de um jornal comprometido com a verdade, consagrando a máxima de que “se deu no *Correio* é verdade”. Gerson Fraga afirma que

“Esta decantada neutralidade, no entanto, sucumbe ao estabelecermos uma análise um pouco mais acurada. Na verdade, os elementos que comporiam seu êxito diante dos concorrentes na transição para o século XX seriam outros: o constante investimento em melhorias técnicas; a constituição de um espaço para a expressão de intelectuais gaúchos; bem como a adequação do jornal, desde o instante de sua fundação, à nova fase da imprensa brasileira que se implantava a partir daquele momento.”¹²

O periódico não fugiria, então, da própria lógica do mercado, atuando na defesa de seus interesses. Ele viria a trilhar o mesmo caminho que a imprensa brasileira daquele início do século XX estava seguindo como um todo. “Em outras palavras, a imprensa brasileira passara a ser, a partir das primeiras décadas do século XX, um instrumento de representação e de propagação dos valores de uma elite burguesa que se afirmara como tal naquele momento.”¹³

Sendo o trabalho centrado na análise das reportagens e crônicas esportivas contidas no jornal, o pesquisador, ao trabalhar com este tipo de fonte, deve ter certos cuidados metodológicos para o êxito do estudo. Cláudio Pereira Elmir afirma que “o jornal é um documento traiçoeiro para o historiador.”¹⁴ Deve-se ter, portanto, atenção ao trabalhar com este tipo de documento, lembrando que, ao se tratar de imprensa, existe toda uma carga subjetiva na produção e “Para não produzirmos um entendimento

¹² FRAGA, Gerson Wasen. *Branco e Vermelhos: A Guerra Civil Espanhola através das páginas do Correio do Povo (1936-1939)*. Porto Alegre. UFRGS/IFCH, 2004, p. 16. Dissertação de Mestrado.

¹³ *Ibidem*, p. 11.

¹⁴ ELMIR, Cláudio Pereira. *Uma aventura com o Última Hora. O jornal e a pesquisa histórica*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 13.

ingênuo da imprensa, há que saber o ‘universo da produção’ mantém, na prática, respeitosa distância em relação ao ‘universo da recepção’.”¹⁵

Quando se fizer necessário expor as reportagens, crônicas e declarações do Correio do Povo, ou até mesmo quando se destacar como fora retratado pelo mesmo, para analisar as identidades regional e clubística, não devemos observá-las como se o jornal estivesse demonstrando o sentimento tal qual ele o é. Não se pode deduzir qual fora o sentimento das pessoas que leram tais reportagens. Além disso, não são todos os gaúchos que despendem seu tempo e atenção ao futebol e talvez menos ainda aqueles que os dedicam a questões que envolvem o tradicionalismo rio-grandense. Mais importante ainda, se levarmos em consideração a dualidade Gre-Nal que compõe o futebol de Porto Alegre, é o cuidado que se deve ter com a generalização do sentimento de identidade regional, uma vez que seria difícil inferir que os torcedores gremistas e colorados mantiveram, acima de sua paixão clubística, um sentimento regional.

Além de toda a questão mercadológica que envolve a criação e o desenvolvimento que nortearam o periódico, Gerson Fraga, referindo-se aos grandes jornais, ainda nos alerta para que entendamo-los

“[...] enquanto instrumentos de manipulação e intervenção, [que] atuam dentro da lógica de ocultação e imposição de perspectivas sobre a realidade. Buscam a uniformização do pensamento através da atribuição de valores e adjetivações àquilo que é mostrado, operando na criação de fatos para a opinião pública, mas também de interpretações sobre o mundo.”¹⁶

Por fim, ao se fazer a triagem do que será usado e necessário para a pesquisa, dentro do que está exposto no jornal, é possível perceber uma riqueza maior em relação às reportagens e crônicas esportivas a respeito do Mundial gremista, não por mera escolha de quem irá realizá-la, mas pela forma de apresentação da fonte. É de conhecimento que no ano de 1987 (depois do título do Grêmio e antes do título do Internacional), o Correio do Povo foi reformulado e passou a ser um tablóide, que se caracteriza pelas notícias mais curtas e com o número de ilustrações tendendo a serem maiores. Também é importante atentar para o fato de que a fonte se mostra mais abundante para a análise do sentimento de identidade regional no caso gremista, uma

¹⁵ ELMIR, Cláudio Pereira. Op. Cit. p. 13.

¹⁶ FRAGA, Gerson Wasen. Op. Cit., p. 13.

vez que, observando o recorte temporal efetuado, o Grêmio fora o primeiro clube gaúcho a conquistar os títulos sul-americano e mundial. Estas informações indicam, de certa forma, problemas em relação à quantidade e variedade do que a fonte proporciona para a pesquisa, considerando os dois eventos específicos que serão estudados.

A partir disto, podemos enunciar os objetivos do trabalho: analisar, a partir da visão do *Correio do Povo*, um possível sentimento de identidade regional, no que diz respeito às conquistas dos Campeonatos Mundiais de Grêmio e Internacional; investigar também se é possível perceber na fonte um sentimento de identidade clubística nas mesmas conquistas; e, analisar, mesmo que de forma breve, como o sentimento de identidade regional se constituiu no Rio Grande do Sul, ganhando com o futebol mais um elemento reivindicatório. Sobre este último objetivo é salutar ressaltar que o sentimento regional se impõe perante o nacional em circunstâncias, não podendo, assim, afirmar que ele é dominante. Conforme o professor e pesquisador da UFRGS, César Augusto Barcellos Guazzelli,

“A ‘identidade’ [rio-grandense] se associou à ‘nostalgia’ na rememoração dos importantes serviços prestados pelo futebol ‘gaúcho’ ao Brasil sempre que fora requisitado, repetindo-se aqui o que invariavelmente compõe o discurso de auto-exaltação na estremadura.”¹⁷

Dentro da problemática da pesquisa, é preciso compreender o que o conceito de identidade significa, e como ele pode estar representado, tanto na forma regional, quanto na forma clubística. A expressão “sentimento de identidade” dever ser entendida como um tipo de sentimento que gera união entre os simpatizantes da idéia que está sendo compartilhada, ao mesmo tempo em que gera divisão com os que não compartilham da mesma. O sociólogo Michael Pollak defende que este sentimento

“[...] é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.”¹⁸

¹⁷ GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 de futebol gaúcho: a construção da “província de chuteiras”. In: Anos 90. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, n. 13, p. 24.

¹⁸ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 204.

Contudo, ao se perceber a significação deste conceito, não se pode esquecer, e o próprio Pollak alerta para tal, que este sentimento não se constitui de forma isolada, seja em relação ao indivíduo ou ao grupo que o mesmo pertence. Existe outro elemento relevante na constituição, o outro. Sobre esta questão Pollak nos adverte que

“A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e que se faz por meio de negociação direta com os outros.”¹⁹

Se a construção da identidade passa pela presença do outro, pode-se afirmar, então, que ela se dá e se constitui de maneira coletiva. Em relação ao objeto de estudo, destaca-se a importância de compreender esta construção de forma coletiva, uma vez que, os dois tipos de identidades analisadas, a regional e a referente aos clubes, é formada no coletivo, através da interação social. Para esclarecer melhor esta questão, recorro à Tese de Doutorado de Isabel Bilhão Aparecida, *Identidade e Trabalho: Análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 a 1920)*, do ano de 2005. Apropriando-se das idéias do sociólogo português José Manuel Oliveira Mendes²⁰ a autora afirma que a identidade irá se construir e reconstruir nas interações sociais. Ainda em relação à Mendes, ressalta ela, “[...] o indivíduo forma sua identidade não na reprodução pelo idêntico oriunda da socialização familiar, do grupo de amigos, etc., mas sim do ruído social, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização.”²¹

No estudo da fonte analisada, percebe-se elementos (através da exaltação dos títulos gremista e colorado por parte das reportagens e dos textos dos cronistas esportivos do jornal, ligando estas conquistas ao Estado do Rio Grande do Sul) que denotam, a partir da abordagem do jornal, um possível sentimento de identidade “gaúcha”, com a região, e, dessa forma, passa a ser fundamental compreender tais conceitos chave: a construção identitária e seu respectivo espaço geográfico. Para tal,

¹⁹ POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 204.

²⁰ MENDES, José Manuel Oliveira. “O desafio das identidades”. In: *A globalização e as Ciências Sociais*. SANTOS, Boaventura de Souza (org.). São Paulo: Cortez, 2002.

²¹ MENDES, José Manuel Oliveira, Op. Cit., p. 504 apud BILHÃO, Isabel Aparecida. *Identidade e Trabalho: Análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 a 1920)*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2005, p. 32. Tese de Doutorado.

faço uso das concepções de Pierre Bourdieu; o autor demonstra como esta idéia de região é discutida, levando em consideração o conceito de identidade.

Para Bourdieu, a questão de identidade não passa de representação:

“[...] a procura de critérios ‘objetivos’ de identidade ‘regional’ ou ‘étnica’ não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) são objeto de *representações mentais*, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objetais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores.”²²

O importante, portanto, é analisar o conceito de identidade através de suas representações em um determinado espaço geográfico, e para o estudo da região esta concepção fora igualmente considerada. O que constitui uma região, nesta óptica, seria não o seu espaço físico e sim a ação do tempo e do homem. As fronteiras que delimitam o espaço da região não passam, segundo Bourdieu, de uma ação arbitrária.

“Ninguém poderia hoje sustentar que existem critérios capazes de fundamentar classificações ‘naturais’. A fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá maior ou menor fundamento na ‘realidade’ segundo os elementos que ela reúne, tenham entre si semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes [...]”²³

O trabalho será dividido em três capítulos, além da introdução e conclusão. No primeiro abordarei a questão do futebol como um elemento que se tornou primordial para a discussão da identidade nacional. Neste processo demonstrar-se-á como, no Brasil, o futebol passou do elitismo e da exclusão social para um esporte de massas, capaz de mobilizar grandes contingentes populacionais. Além disso, relacionar-se-á desenvolvimento social, econômico e político do Brasil, com o desenvolvimento do futebol. Também neste capítulo, de forma breve, escreverei como se constitui o regionalismo gaúcho e de que forma ele fora sendo incorporado pela população rio-grandense, ganhando com o futebol, mais um componente.

²² BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1989, p. 112

²³ Ibidem. 114.

No segundo versarei sobre as conquistas dos Campeonatos Mundiais de Clubes por parte de Grêmio e Internacional a partir do que fora exposto no Correio do Povo. Faz-se necessário neste capítulo expor a questão da posição que goza o “futebol brasileiro” em relação às autoridades futebolísticas do país, e como o “futebol gaúcho” buscou sua “afirmação nacional”, uma vez que a partir das importantes conquistas com a dupla Gre-Nal, as reivindicações futebolísticas sulinas ganham mais legitimidade.

No terceiro e último capítulo, abordarei de forma direta a fonte, pensando na questão das identidades expressas no jornal, tanto na sua forma regional, quanto na sua forma clubística. Retorno aqui a salientar o problema da fonte anteriormente destacado, pois, mesmo buscando, através da abordagem do periódico, elementos que constituem e compõem o imaginário identitário gaúcho, as divergências clubísticas sempre mostrar-se-ão presentes.

1. FUTEBOL E IDENTIDADE COLETIVA

A coletividade inerente ao futebol seja praticando-o ou torcendo por algum clube ou seleção nacional, coloca-o como um importante elemento na discussão sobre a formação de identidades. “É notória a capacidade ao mesmo tempo aglutinadora e catalisadora que o esporte, principalmente suas modalidades coletivas como o futebol, detém sobre imensas coletividades como bairros, cidades e, principalmente, países.”²⁴

Lilia Moritz Schwarcz salienta, na apresentação da edição brasileira do livro *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, de Benedict Anderson, que “O uso do ‘nós’, presente nos hinos nacionais, nos dísticos e nas falas, faz com que o sentimento de pertença se sobreponha à idéia de individualidade e apague o que existe de ‘eles’ e de diferença em qualquer sociedade.”²⁵ Contudo, Franco Júnior defende que “Para o ser humano o ‘estar junto afetivo’ é sensação sempre reconfortante e negada quando ele está inserido em conjunto demasiado amplos e abstratos, como grandes Estados nacionais, megalópoles empresas multinacionais ou enormes universidades.”²⁶ Ainda para o autor, “[...] a formação de clãs futebolísticos e o poder de atração que eles exercem são soluções espontâneas contra o isolamento.”²⁷ A questão sobre a força da identidade nacional em relação à clubística é bastante discutível, o que não se pode negar é que embora o discurso nacionalista de identificação coletiva e horizontal tenha a pretensão de colocar todos num plano de igualdade perante a nação, estes ainda estão segregados pela condição sócio-política-econômica.

Dentro do mundo futebolístico, estas diferenças são amenizadas²⁸, pois, no momento em que se adere a um clube ou se está torcendo pelo selecionado nacional, todos se colocam num mesmo nível – mesmo que restringido à prática e ao momento em questão –, alentando pelo e para o mesmo motivo, estando somente o clube acima da

²⁴ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da.. Op. Cit., p. 15-16.

²⁵ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 16.

²⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Op. Cit., p. 194.

²⁷ Idem.

²⁸ Amenizadas, não excluídas, uma vez que as diferenças sociais e econômicas são visíveis dentro do estádio, vide os diferentes lugares e preços para se assistir a partida.

massa torcedora. Ricardo Pinto dos Santos nos coloca esta questão sobre o esporte como um importante instrumento de inserção e ascensão social de uma sociedade.²⁹

“Não foi somente o futebol que serviu para construir o diálogo entre classes sociais; porém, dentro da prática deste esporte, as diferenças se tornam menos visíveis ao longo do tempo. Ou seja, todos, independente de qualquer coisa, faziam parte de um grupo muito bem definido: o torcedor. Outro aspecto relevante é que a distinção social – vista, sobretudo, pelo posicionamento nas arquibancadas e a ausência delas no início das práticas desportivas – foi se tornando cada vez mais superficial, e mais do que isso, a classificação como torcedores foi colocando o público num mesmo plano hierárquico – ou seja, eram todos torcedores, malgrado suas especificidades.”³⁰

O futebol viria a se tornar, portanto, uma força capaz de aglutinar grandes contingentes em seu entorno. Ele relega à massa torcedora a uma posição que somente o clube ou o selecionado nacional estariam acima. Os torcedores fariam parte de um mesmo grupo, onde, segundo Hilário Franco Júnior, a liderança está assentada na própria coletividade torcedora.

1.1. Futebol no Brasil: a construção da identidade nacional

O futebol chega ao Brasil no final do século XIX e início o século XX, e desde quando começa a ser praticado, tem de competir com outros esportes que desfrutavam de maior prestígio. É o caso do remo, principal esporte para as elites, e da capoeira, praticada pela massa urbana, ex-escravos e forros. “Em suma, para a surpresa do seu público e dos fãs atuais, o esporte chega ao Brasil [...] como divertimento de poucos, exclusivista e pautado pelo preconceito.”³¹ Para Hilário Franco Júnior a contradição marca a inserção do esporte no país

“Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais

²⁹ SANTOS, Ricardo Pinto dos. Uma Breve História Social do Esporte no Rio de Janeiro. In: Memória social dos esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006. p. 34

³⁰ Idem. (nota de rodapé nº 1)

³¹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Op. Cit., p. 16.

importantes dos debates acerca da modernização e da construção da identidade nacional.”³²

Contudo, a partir de mais de uma década de prática no país, o futebol começa a atingir mais segmentos sociais e se tornar, de fato, um esporte de massas. Ele passa, então, a superar as outras atividades esportivas e começa a se transformar no esporte popular do Brasil. Ora, ao competir com o remo e a corrida de cavalo, por exemplo, o torcedor via nele uma possibilidade não só de torcer, mas também de praticá-lo. Entretanto, mesmo com essa transformação, os valores aristocráticos – trazidos da Europa – continuavam a nortear toda a sociedade e, conseqüentemente, o futebol. De acordo com Ricardo Pinto dos Santos, aquilo que era “[...] belo ainda era produzido e reproduzido através de valores europeus, dos quais ainda não se possibilitava a inserção do diferente.”³³

Entre as décadas de 1910 e 1920 este panorama começa a se modificar, além de já ser um esporte de massas, capaz de mobilizar milhões de pessoas, ele começa também a aparecer nas escolas, nas ruas e nos campos improvisados.³⁴ Dois fatores denotam bem essa mudança. Primeiro, a criação, de estádios de futebol com grandes capacidades de público e, segundo, a incorporação de jogadores das populações mais pobres por parte dos clubes.

O futebol brasileiro ficou conhecido e consagrado como um “futebol-arte”, o futebol do espetáculo, da malandragem, da habilidade; contrapondo-se ao futebol europeu da força e da rigidez. Pois, esta característica do estilo brasileiro de se jogá-lo é creditada pela presença do negro e do mestiço.

“Mesmo que o futebol ainda estivesse sendo praticado sob o formato inglês, a modalidade pouco a pouco iria assumindo algumas características marcantes, e ainda hoje emblemáticas, do futebol brasileiro. A ginga e a malandragem [...] foram diretamente associadas à emergência do negro dentro do esporte, corroborando a idéia de que tais aptidões seriam genuinamente brasileiras.”³⁵

No entanto, não se pode atribuir a picardia e a malandragem do futebol brasileiro à presença de negros e mestiços, uma vez que o próprio continente sul-americano nos dá

³² FRANCO JÚNIOR, Hilário. Op. Cit., p.61.

³³ SANTOS, Ricardo Pinto dos. Op. Cit., p. 36.

³⁴ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Op. Cit., p. 17.

³⁵ SANTOS, Ricardo Pinto dos. Op. Cit., p. 36.

exemplos de equipes altamente técnicas e habilidosas, compostas majoritariamente por brancos. É o caso da equipe do Club Estudiantes de La Plata do final da década de 1960. Segundo Guazzelli, “a grande equipe dos Estudiantes, de La Plata, campeã da Copa Libertadores da América de 1968 a 1970, e do Mundial Interclubes em 1968, não era apreciado pelos *hinchas* argentinos devido ao estilo ‘europeu’ que praticava, diferentemente das demais equipes.”³⁶

A participação de negros nos selecionados e clubes do Brasil viria, então, a acompanhar o processo de democratização social que caminhava no país, embora bastante lento e conflituoso, este processo refletiu-se no futebol da mesma forma que recebeu estímulos dele. Portanto, torna-se impossível pensar nos avanços sociais e políticos brasileiros, sem se pensar nos reflexos que estes tiveram para o futebol e na própria contribuição que este teve para aqueles. Francisco Carlos Teixeira da Silva, ao fazer uma análise da inserção do esporte tanto no Brasil quanto na Alemanha, coloca que “[...] a superação da exclusão social e racial no futebol acompanhou e, mesmo, precedeu a democratização das sociedades de ambos os países.”³⁷

Na busca de uma identidade nacional, os governantes brasileiros buscaram, cada vez mais, usar o futebol como elemento dentro desta construção identitária. De acordo com o historiador Gilberto Agostino, o esporte “[...] foi sendo transformado em um dos elementos formadores de todo o conjunto de autoimagens (regionais, profissionais ou religiosas), atingindo, entretanto, sua maior plenitude como elemento catalisador da identidade nacional.”³⁸ Porém, ainda conforme o historiador, esta identidade precisava ser mediada, uma vez que não era sentida a todo e qualquer momento; esta mediação, então, só poderia ser feita nos confrontos com times e selecionados nacionais externos à nação brasileira. É a referência que Michael Pollak faz a presença do “outro”, essencial para a formação do “eu”, do “nós”.³⁹ Dessa maneira, a seleção nacional começaria a desempenhar o seu papel destacado neste processo.

³⁶ GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Op. Cit., p. 34.

³⁷ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Op. Cit., p. 17.

³⁸ AGOSTINO, Gilberto. Nós e *Ellos*, *Nosotros* y Eles. Brasil X Argentina: Os inimigos Fraternos. In: Memória social dos esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006. p. 58.

³⁹ POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 204.

O primeiro embate do escrete nacional fora um amistoso contra o Exeter City*, da Inglaterra, em 20 de agosto de 1914, com o escore de dois a zero para o Brasil. Inúmeros foram os confrontos com times ingleses que excursionavam pela América do Sul, contudo, o caminho para a afirmação nacional, como destaca Agostino, não se formaria através destes confrontos, e sim nos contra os vizinhos regionais.

“O caminho, portanto, apontava para os vizinhos regionais, estes sim uma referência concreta da afirmação nacional, uma vez que se viam disputando o mesmo espaço como a nação sul-americana mais identificada com os valores europeus.”⁴⁰

Não se deve esquecer que, para se obter êxito na busca e na criação da identidade nacional, tem de se tentar ao menos amenizar as diferenças e rivalidades regionais. Pois, neste momento de afirmação crescente do esporte no país (décadas de 1910 e 1920) o Brasil vivia o período da República Velha, dominado pelas oligarquias regionais. O futebol, mais uma vez, seria o instrumento utilizado para sobrepor os sentimentos nacionais em relação aos regionais.

“Naquele meio social bastante heterogêneo e fragmentado por interesses regionais, a construção da nacionalidade teve no futebol um dos seus principais alicerces. Os embates com times estrangeiros e as primeiras partidas da seleção brasileira alimentaram, em todos os setores sociais, certa dose de patriotismo e de sentimento de unidade, ainda que transitória e circunscrita à realização das partidas.”⁴¹

Com o fim da República Velha, Getúlio Vargas ascende ao poder nacional, instaurando o período conhecido por “Era Vargas” (1930 – 1945). Com ele se teve a primeira aproximação, como estratégia deliberada, entre futebol e política. Uma característica dessa aproximação foram os discursos políticos no dia Primeiro de Maio, Dia do Trabalho, tradicionalmente ocorridos no estádio do Vasco da Gama, o São Januário, inaugurado em 1927. “Paixão política e paixão futebolística eram estimuladas de forma semelhante. Enquanto as bandeiras eram desfraldadas nos estádios, as bandeiras regionais eram queimadas, e no lugar delas içada a bandeira nacional.”⁴²

* Exeter City Football Club, clube que atualmente disputa a Terceira Divisão do Campeonato Inglês.

⁴⁰ AGOSTINO, Gilberto. Op. Cit., p. 58

⁴¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Op. Cit., p. 74

⁴² Ibidem. p. 80.

Na medida em que o futebol se tornava, e agora, cada vez mais, se confirmava como o esporte número um do Brasil, e o selecionado brasileiro ia defrontando-se com times e seleções estrangeiras, crescia, de maneira igual, a importância que a imprensa do país dava a ele.

“A imprensa esportiva no Brasil – divulgando as ‘batalhas nos gramados’, as ações das torcidas, elegendo seus ídolos e os jogadores, como os primeiros craques Leônidas da Silva e Domingues da Guia – desempenhou um papel central na popularização do futebol no país. A construção da imagem dos primeiros heróis coletivos, os *craques*, sendo vistos como figuras de importância nacional, transforma o futebol na ‘grande coqueluche’ – para usar uma expressão da época – dos anos 30.”⁴³

Da chegada do esporte bretão ao Brasil, seja pela “via platina”, pela introdução por parte de jovens da elite paulista e carioca – Charles Miller e Oscar Cox –, ou pela reprodução da prática dos marinheiros ingleses nos portos do Rio de Janeiro, ele percorreu um longo caminho até se transformar no símbolo que é hoje para o país e para sua população. Acima de tudo, a trajetória do esporte é uma trajetória social, complexa e de múltiplas facetas. Ao mesmo tempo em que os avanços sociais e políticos contribuíram para uma maior democratização do e no esporte, ele também fora elemento essencial para atingir tais avanços. A coletividade inerente ao futebol aglutinou todos em volta de seu time, de sua seleção nacional, pois, como designa Eric Hobsbawm, “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.”⁴⁴

1.2. O discurso de “gaúcho” ganha mais um elemento: o futebol representando o sentimento de identidade regional no Rio Grande do Sul

As reclamações e reivindicações em relação ao “futebol gaúcho” são freqüentes por parte da população e autoridades rio-grandenses. Esse discurso atestando injustiças e prejuízos sofridos não é, contudo, uma exclusividade do meio esportivo. Na realidade,

⁴³ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Op. Cit., p. 30.

⁴⁴ HOBBSAWM, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780: programa mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 171.

o futebol tornou-se apenas mais um elemento – significativo, é verdade – dentro deste quadro reivindicatório que tem suas origens desde os tempos da colonização brasileira.

O território onde hoje se situa o Rio Grande do Sul foi um local de constantes disputas entre as Coroas espanhola e portuguesa que aqui competiam pelo domínio. Num período onde as fronteiras físicas não existiam e a geografia unificava toda a região, o estado gaúcho desempenharia papel fundamental na formação e consolidação do território nacional brasileiro. Como designa o professor da UFRGS, Eduardo Neumann “A formação histórica do atual Estado do Rio Grande do Sul está intrinsecamente relacionada à questão fronteira existente entre os domínios das duas coroas Ibéricas na América meridional.”⁴⁵

A região e o estado de conflito constante tornaram-se, portanto, os primeiros elementos para as reivindicações rio-grandenses e também para a formação da identidade “gaúcha”. A afirmativa de que arcara com um ônus desproporcional para com a nação – comparando-se com os outros estados brasileiros – ganha força e se legitima.

Como toda e qualquer identidade, através do trabalho e empenho dos intelectuais e representantes, o imaginário do povo gaúcho foi sendo transformado, recriado e reinventado ao longo do tempo. “Mais que inventadas, nações são ‘imaginadas’, no sentido de que fazem sentido para a ‘alma’ e constituem objetos de desejos e projeções.”⁴⁶ Para Eric Hobsbawm, outro teórico que trabalhou com a temática das identidades e tradições, está última visa “inculcar certo valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.”⁴⁷ Um passado, ainda segundo Hobsbawm, que é histórico e apropriado.

Inventado ou não, o fato é que este passado se tornou bastante vivo na cultura rio-grandense e, ao passo que o “futebol gaúcho” começava a se desenvolver, vai compondo-se num novo e importante elemento do discurso. Todos os valores que foram sendo incorporados no ideário do estado passam, automaticamente, a serem transferidos

⁴⁵ NEUMANN, Eduardo Santos. A fronteira tripartida: a formação do Continente do Rio Grande – século XVIII. In: GRIJÓ, Luis Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (orgs.). Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 25.

⁴⁶ ANDERSON, Benedict. Op. Cit., p. 10.

⁴⁷ HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 09

para a órbita futebolística. O “futebol gaúcho”, consoante as idéias de Guazzelli “[...] reproduz, em grande medida, os problemas que atingem outros segmentos ‘gaúchos’.”⁴⁸ Daí a justificativa de um futebol muito mais de força em contraposição ao “futebol-arte” brasileiro. Ora, se a essência do rio-grandense esta alicerçada na força, na bravura que outrora foram essenciais para a própria sobrevivência “neste chão”, não seria absurdo pensar que o “futebol gaúcho” seguisse a mesma lógica. Arlei Sander Damo nos coloca a vinculação que o esporte no Rio Grande do Sul seguiu em detrimento de uma cultura que aqui se criou muito antes da prática do esporte propriamente dita.

“Se a legitimidade do gauchismo foi conquistada, entre outros fatores, pela sua capacidade de pinçar do processo histórico episódios a partir dos quais o regionalismo pôde ser apresentado como verossímil – e sempre que não os encontra, os cria –, o mesmo ocorre no universo futebolístico. Nesta perspectiva, o isolamento geográfico constitui-se, mais uma vez, no eixo central a partir do qual o futebol gaúcho estaria em situação desvantajosa em relação ao Brasil, especialmente aos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo. Para sustentar esta tese, são evocadas as grandes distâncias, as longas viagens e o desgaste físico aos quais os clubes daqui estariam submetidos quando necessitam jogar no Norte ou Nordeste brasileiro.”⁴⁹

O eixo Rio-São Paulo dominou a política e a economia em praticamente toda história do Brasil e o futebol seguiu o mesmo sentido. Rodrigo Cardia destaca através da análise de três eventos específicos – primeiro a participação da dupla Gre-Nal no torneio Roberto Gomes Pedrosa, o “Robertão”, até então restrito a equipes de São Paulo e Rio de Janeiro até 1966, segundo a conquista da Copa do Mundo de 1970 pela seleção brasileira com a participação de um único gaúcho, o lateral esquerdo do Grêmio Everaldo, e terceiro a não convocação deste mesmo jogador para disputar a Taça Independência em 1972, torneio realizado para a comemoração do sesquicentenário da independência do Brasil – o problema que o “futebol gaúcho” enfrentava em relação à sua afirmação nacional. Segundo ele, “[...] o ‘futebol gaúcho’ já tivera grande conquista internacional, com a conquista do Campeonato Pan-Americano de 1956 no México por uma ‘Seleção Gaúcha’, representando o Brasil.”⁵⁰ Além disso, o autor segue afirmando

⁴⁸ GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Op. Cit., p. 22.

⁴⁹ DAMO, Arlei Sander. Futebol e identidade social. Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 202, p. 132.

⁵⁰ CARDIA, Rodrigo Catto de. “Jean Marie, o Brasil vai até o Chuf”: Futebol e identidade “gaúcha” nas páginas da Folha Esportiva (1967-1972). Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009. p. 4. Trabalho de Conclusão de Curso.

que, independentemente da participação relativamente boa dos clubes gaúchos neste torneio, “[...] manteve-se presente nas opiniões dos colunistas a idéia de que o Estado era marginalizado, uma idéia que é parte da identidade riograndense ‘periférica’.”⁵¹

O imaginário do povo gaúcho, logo, estava mergulhado nestes valores que compunham o tradicionalismo rio-grandense; o futebol, como foi possível perceber, tornou-se um elemento de vital importância, sendo reflexo do próprio processo de formação deste ideário, como contribuindo para com ele. É importante salientar, contudo, que não se deve interpretar tais reivindicações por parte dos governantes como algo estritamente voltada ao esporte. Mesmo que a sua origem e fonte motivadora estejam alicerçadas nele, o cunho político assume o papel preponderante. De acordo com o antropólogo e professor Ruben George Oliven a função política dos discursos é fundamental na definição do regionalismo, uma vez que “[...] embora uma causa regional possa ser somente econômica [ou esportiva] na sua natureza, seu objetivo é político, já que ela se torna regionalizada justamente por intermédio de uma reivindicação face a uma instituição do Estado [...]”⁵²

A vinculação das tradições gaúchas ao futebol torna cada conquista de times rio-grandenses em uma verdadeira batalha, materializando uma vitória que busca semelhança naquelas obtidas por “outros” gaúchos, fora das quatro linhas campais. A identidade “gaúcha” cria e recria-se a todo o momento. Hoje vivemos uma distância temporal muito grande daqueles feitos dos primeiros gaúchos que aqui habitavam, mas nem governantes, autoridades e população se cansam de buscar aqueles valores para justificar novas ações e atitudes. É incontestável, entretanto, que atualmente esta identidade não seja mais baseada num passado farrapo, no entanto, ela é evocava “[...] enquanto expressão de uma distinção cultural em um país onde os meios de comunicação de massa tendem a homogeneizar a sociedade culturalmente a partir de padrões muitas vezes oriundos da zona sul do Rio de Janeiro.”⁵³

⁵¹ CARDIA, Rodrigo Catto de. Op. p. 4.

⁵² OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 18.

⁵³ Ibidem. p. 11.

2. O “FUTEBOL GAÚCHO” CONQUISTA O MUNDO: A DUPLA GRE-NAL É CAMPEÃ MUNDIAL

“Grêmio pode ser campeão no Olímpico.”⁵⁴ Este era o título de uma reportagem do jornal Correio do Povo, um dia após o Grêmio voltar do Uruguai com um empate (1 x 1) diante do Club Atlético Peñarol, em pleno estádio Centenário, pela Copa Libertadores da América de 1983. O tricolor gaúcho decidiria o título e a vaga para o Mundial de Clubes “em casa”. Uma semana após veio a confirmação, o Grêmio Football Porto Alegrense tornava-se campeão da Libertadores.

“Grêmio, o novo campeão da América. Vitória no melhor estilo da longa e difícil competição. Por isso, a vitória de ontem, contra o Penharol, 2 a 1, no estádio Olímpico, foi ruidosamente festejada. A cidade, que havia parado antes do grande jogo, acordou a partir das 23h40min para comemorar a histórica façanha tricolor. E foi aquilo. No estádio, a vibração no gol de Caio, o ligeiro susto no empate de Fernando Morena e a explosão na cabeçada de César. Depois, o carnaval. E, agora, rumo a Tóquio.”⁵⁵

Após a vitória, é natural que os meios de comunicação destaquem a conquista gremista, mas uma ressalva já é feita de imediato. O Grêmio, como qualquer clube que ganhasse a Libertadores, tem outro objetivo agora: buscar uma vitória no Japão, no Mundial de Clubes.

O adversário já se era conhecido antes da final sul americana, era o Hamburgo, time alemão homônimo da cidade que é natural. O embate no Japão aconteceu no dia 11 de dezembro de 1983, às 12h00min (Japão), 00h00min no horário brasileiro. O Grêmio poderia conquistar um título que somente outros dois clubes brasileiros haviam conquistado: o Santos de Pelé e o Flamengo de Zico. E o conquistou. A equipe gremista acabaria vencendo o Hamburgo pelo placar de 2 a 1.

“Inter a 180 minutos de um sonho.”⁵⁶ O sonho, conforme referência do Jornal Correio do Povo, era a conquista da Libertadores da América, onde o Internacional deveria passar pelo São Paulo para atingir tal feito. O primeiro jogo foi no Morumbi, a casa são-paulina, o segundo no Beira-Rio, estádio colorado. Com uma vitória de 2 a 1 em São Paulo e um empate em casa no escore de 2 a 2 o Internacional sagrou-se

⁵⁴ Jornal Correio do Povo 23/07/1983, p. 16.

⁵⁵ Jornal Correio do Povo 29/07/1983, Capa.

⁵⁶ Jornal Correio do Povo 09/08/2006, Contra capa.

campeão da Copa Libertadores da América no ano de 2006, entrando para o seleto grupo de campeões brasileiros desta competição, ao lado de Santos, Cruzeiro, Flamengo, Grêmio, São Paulo, Vasco e Palmeiras. Novamente o Correio do Povo destaca a festa, agora da torcida colorada, mas a ressalva é a mesma: “Agora, o mundo.”⁵⁷

O sonho da conquista colorada começou no dia 13 de dezembro daquele ano, contra o Al Ahly, clube do Egito. Com a vitória por 2 a 1 sobre os egípcios o Internacional se credenciou para disputar a final do Mundial de Clubes, que seria contra o Barcelona ou o América do México.⁵⁸ O time catalão viria a golear a equipe mexicana por 4 a 0. A final estava marcada. Internacional e Barcelona enfrentar-se-iam no dia 17 de dezembro. A equipe rio-grandense tornou-se campeão Mundial de Clubes, ao vencer a equipe espanhola por 1 a 0, somando-se com mais cinco clubes brasileiros. “Inter campeão do mundo 2006. O Dono do Mundo.”⁵⁹

Os dois times de futebol da capital gaúcha, Porto Alegre, agradeceram seus torcedores com o título máximo que uma equipe pode alcançar: o título de campeão mundial de clubes. Motivo de festa e de orgulho para cada uma de suas respectivas torcidas, contudo, não se pode deixar passar um detalhe importante, é o “futebol gaúcho” que conquista o mundo.

2.1. O “futebol gaúcho” chega ao mesmo patamar do “futebol brasileiro”

A constante busca por uma afirmação nacional do “futebol gaúcho” foi uma marca de sua trajetória. Prejudicados, em primeira instância, pelo seu isolamento geográfico, o futebol rio-grandense, buscando cada vez mais essa afirmação, teve que mostrar o seu valor perante o centro político, econômico e futebolístico do país. Talvez o maior feito tenha sido a conquista do Campeonato Pan-Americano de 1956 pelo Brasil, representando naquele ano pela “seleção gaúcha” de futebol, um misto de jogadores da dupla Gre-Nal. Contudo, referindo-se aos clubes do estado, a grandeza do

⁵⁷ Jornal Correio do Povo 17/08/2006, Capa

⁵⁸ Até o ano de 2004 o Campeonato Mundial de Clubes era disputado em jogo único, onde o campeão sul-americano defrontava-se com o campeão europeu. A partir de 2005, ano em que a FIFA assumiu a organização da competição, ela começou a ser disputada pelos clubes campeões das seis confederações continentais.

⁵⁹ Jornal Correio do Povo 18/12/2006, ESPECIAL, p. 1.

“futebol gaúcho” só fora confirmada em 1983 com a conquista do Grêmio do Campeonato Mundial de Clubes e em 2006 pelo Internacional.

Uma afirmação perante os outros se dá, principalmente, por títulos de expressão. Como fora visto, somente em 1983 o futebol rio-grandense atingiu essa marca. Há de se destacar, anterior a este ano, as conquistas coloradas no Campeonato Brasileiro, três vezes sagrando-se campeão, sendo que a última, no ano de 1979, fora-o de forma invicta; e o título deste mesmo campeonato por parte dos gremistas, no ano de 1981. No entanto, o grupo de equipes que atingiram este feito é relativamente grande, ainda mais ao ser comparado com as equipes brasileiras que foram campeãs continentais e mundiais.

Diversos foram os momentos que “futebol gaúcho” e o “futebol brasileiro” entraram em conflito. A participação de jogadores “gaúchos” nos selecionados nacionais constituiu-se num dos principais motivos de distanciamento entre os dois. Rodrigo Cardia em sua monografia já citada demonstrou como ocorrera a aproximação entre aqueles na campanha vitoriosa da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970.

“A convocação de jogadores ‘gaúchos’ para a Seleção Brasileira a partir de 1967 foi vista [...] como consequência da ‘afirmação’ proporcionada pela participação de Grêmio e Internacional no Torneio Roberto Gomes Pedrosa ampliado para além de São Paulo e Rio de Janeiro. Afinal, os melhores jogadores do Rio Grande do Sul não eram mais ‘invisíveis’ ao centro do país, o que antes acontecia devido ao relativo isolamento do futebol do Estado, proporcionado pela distância.”⁶⁰

Entretanto, até esta efetiva participação da dupla Gre-Nal no “Robertão”, poucos foram os jogadores “gaúchos” que foram convocados pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para a disputa de amistosos, torneios sul-americanos e mundiais. Conforme Guazzelli, o primeiro gaúcho a ser chamado para defender a seleção fora Luiz Luz, um jogador do extinto Americano de Porto Alegre, convocado para a disputa da Copa do Mundo de 1934. Passariam ainda três décadas sem que nenhum jogador “gaúcho” tivesse relevância dentro do escrete nacional. Guazelli, no entanto, nos afirma que

⁶⁰ CARDIA, Rodrigo Catto de. Op. Cit., p. 49.

“Essa discreta participação de ‘gaúchos’ nas seleções nacionais tinha como grande contrapartida algumas afirmações ‘gloriosas’ do futebol rio-grandense. Em 1951, em pleno estádio Centenário, de Montividéu, o Internacional empatou com a mesma equipe uruguaia que havia sido campeã mundial no ano anterior, cumprindo, de alguma maneira, uma tarefa que a seleção do Brasil fora incapaz de realizar.”⁶¹

Nos anos seguintes o futebol rio-grandense voltaria a dar mostras de sua importância. É o caso já citado da seleção “gaúcha” campeã do Pan-Americano de 1956 e da Taça Bernardo O’Higgins, disputada no Chile no ano de 1966.

Antes da década de 1970, portanto, a questão que se imperava para o esporte e futebolistas do Rio Grande do Sul, em relação ao “futebol brasileiro” era de participação mínima e exclusão. Para Arno Vogel

“A maioria das unidades da federação não estava em condições de contribuir com jogadores de alto nível técnico para o Selecionado. Assim o que acabou predominando foi a presença dos atletas dos grandes clubes do Rio e São Paulo. Este fato, no entanto, não deixava de refletir certas condições objetivas do desenvolvimento da sociedade brasileira, polarizada em torno dos grandes centros urbanos do país, que se encontravam no Sudeste.”⁶²

Passada a década de 1970, os problemas e tensões do “futebol gaúcho” em relação à CBD persistiram, embora cada vez menos as reclamações estivessem baseadas na participação gaúcha nos selecionados brasileiros. Quando da campanha vitoriosa do Grêmio na Libertadores de 1983 pode-se perceber na imprensa regional uma insatisfação em relação à atenção dada ao clube. No dia da final decisiva da Copa, fora marcado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF)⁶³ um amistoso da seleção nacional contra o Chile, Lasier Martins, corresponde esportivo do Correio do Povo na época destaca

“A semana está cheia de futebol, mas a qualidade está restrita a um jogo só, o de quinta-feira pela Libertadores. O amistoso da seleção no Chile não passa de uma promoção inoportuna e vazia. Ninguém está ligando para a seleção, o Chile não serve de referência como teste e a convocação apenas abala os campeonatos regionais. Para culminar

⁶¹ GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Op. Cit., p. 26.

⁶² VOGEL, Arno. O momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DA MATA, Roberto; BAETA NEVES, Luiz Felipe; GUEDES, Jihoni Lahud e VOGEL, Arno. O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. p. 99. apud GUAZZELLI, César Augusto Barcellos, Op. Cit., p. 24.

⁶³ A CBF fora criada no ano de 1979 para substituir a extinta CBD.

com a inconveniência, o amistoso vai se dar na mesma noite do jogo decisivo da Libertadores, onde há interesses nacionais muito mais legítimos.”⁶⁴

Ao alegar que no jogo da final da Libertadores, os interesses nacionais eram muito mais legítimos, reforça-se a idéia, através de uma visão expressa pelo Correio do Povo, da afirmação do “futebol regional”. E esta, ganharia mais força ainda com a vitória gremista. O mesmo correspondente, Lasier Martins, sublinha, após quatro jogadores do Grêmio serem convocados para a disputa da Copa América daquele ano (Renato, Tita, China e Paulo Roberto) a situação que o clube tinha, a partir da conquista da Libertadores da América, com a CBF

“Resumo: remoça a rotina, o clube se torna grande para servir a CBF – até ficar pequeno de novo, quando, então, será esquecido. Aliás, tão esquecido quanto a ausência de qualquer dirigente da CBF na decisão da Libertadores. A entidade mater só não esqueceu de propor, despuadoradamente, dias antes do jogo na final, que o Grêmio mudasse a data para não coincidir com o ridículo amistoso da seleção no Chile.”⁶⁵

A avaliação do cronista corrobora a idéia aqui já trabalhada de que para se impor futebolisticamente perante o centro do país, os clubes necessitariam de conquistas expressivas, capaz de legitimar as suas reivindicações que poderão se fazer presentes de acordo com as ocasiões.

A concepção que se criou no imaginário do futebol do estado do Rio Grande do Sul é que ele deve provar a sua magnitude para o centro do país, onde vitórias representam respeito por parte da CBF e derrotas significam voltar à estaca zero, tendo que buscar, de novo, sua afirmação nacional. A questão é que, sendo o Grêmio campeão da Libertadores e do Mundial, o panorama começa a mudar, e com a conquista colorada de ambos os títulos, a confirmação do avanço que agora, dificilmente, teria um retrocesso.

Atualmente o país e o futebol estão mais unificados, logo o discurso regional perde legitimidade, uma vez que a crescente unificação tende a omitir as particularidades. Contudo, sempre que se faz necessário, todos os eventos destacados, formadores da identidade “gaúcha”, sejam eles próprios do meio esportivo ou não, são lembrados como forma de legitimar, novamente, o discurso regional e as reivindicações “gaúchas”.

Não importa se a dualidade entre “futebol brasileiro” e “futebol gaúcho” hoje se faça muito mais presente pelo estilo de jogo praticado do que o ideário criado. Após o ano de 2006 a

⁶⁴ Jornal Correio do Povo 26/07/1983, p. 15.

⁶⁵ Jornal Correio do Povo 31/07/1983. Esportes, p. 2.

dupla Gre-Nal pode se sentir grande tal quanto o centro do país é em relação ao futebol, ou pelo menos acredita ser.

3. OS SENTIMENTOS DE IDENTIDADE E O CORREIO DO POVO

O papel que desempenham as fontes impressas na construção e manutenção dos sentimentos de identidade regional e clubística deve ser destacado, uma vez que, de acordo com Benedict Anderson, o jornal é um produto cultural da sociedade que possibilita um vínculo imaginário daqueles que desfrutam da leitura do mesmo, arquitetando uma “realidade” coincidente a todos, mesmo que “todos” não tenham vínculo real entre si. Anderson alega que

“Ao mesmo tempo, o leitor do jornal, ao ver réplicas idênticas sendo consumidas no metrô, no barbeiro ou no bairro em que mora, reassegura-se continuamente das raízes visíveis do mundo imaginado da vida cotidiana. Como em *Noli me tangere*, a ficção se infiltra contínua e silenciosa na realidade, criando aquela admirável confiança da comunidade no anonimato que constitui a marca registrada das nações modernas.”⁶⁶

Isto justifica emoções que possam a vir decorrer de simples leituras dos periódicos, de acontecimentos que ocorreram a milhares de quilômetros das pessoas que estão lendo, sobre temas que não alteram em nada o seu cotidiano. A simultaneidade das matérias e reportagens nos jornais cria esse universo de compartilhamento do que ocorre em todo o mundo, demarcados cronologicamente pela data da edição. Ou seja, a própria “[...] arbitrariedade na inclusão e justaposição dele [...] mostra que o vínculo entre eles é imaginado.”⁶⁷

Devidamente ressaltada a importância da fonte, nunca é demais lembrar os cuidados metodológicos que o pesquisador precisa ter. Além da atenção que se deve dar aos universos da produção e da recepção⁶⁸ que, na prática, mantêm certa distância entre si, Gerson Wasen Fraga coloca uma tarefa essencial para as pesquisas com jornais, ele alega que é preciso ter “[...] a paciência de buscar os conceitos e posições que, ao longo do tempo e das edições, se apresentem como constantes, aparecendo ao leitor de forma sucessiva durante a leitura.”⁶⁹ O autor ainda sugere que o pesquisador deve buscar “[...] aquilo que, pela repetição de suas aparições ao longo dos textos, se ressalte como

⁶⁶ ANDERSON, Benedict . Op. Cit., p. 68-69.

⁶⁷ Ibidem, p. 65.

⁶⁸ ELMIR, Cláudio Pereira. Op. Cit., p. 13.

⁶⁹ FRAGA, Gerson Wasen. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009, p. 39. Tese de Doutorado.

significativo e exemplar para a sua análise.”⁷⁰ Sendo assim, ao investigar a existência de possíveis sentimentos de identidade no periódico, é salutar cumprir com esta tarefa, visto que, as menções que constam no Correio do Povo em relação aos dois tipos de identidades analisadas, de forma isolada e sem contextualizá-las com o próprio imaginário do estado gaúcho, não teriam grandes relevâncias para a pesquisa.

A constituição de um sentimento de identidade é um processo longo e suscetível a transformações, podendo estas ocorrer em maior ou menor intensidade de acordo com o indivíduo que a compartilha. No estudo do sentimento de identidade, Michael Pollak acredita que há uma ligação fenomenológica com o da memória, e a construção de ambos passa pela interação social. Sublinhando as idéias de Maurice Halbwachs, Pollak alerta que a memória deve ser entendida como “[...] um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.⁷¹ A interatividade social é, portanto, o elemento moldador de todo e qualquer sentimento de identidade, independentemente dele nascer na forma individual, calcado no ser, só poderá sobreviver e ser alimentado em termos coletivos.

Nas análises que a pesquisa se propõe a realizar na sequência, no que toca a percepção dos dois tipos de sentimento de identidade, pode-se notar a participação expressiva que desempenhou o período escolhido na manutenção e propagação das mesmas.

3.1. O sentimento de identidade regional

O futebol, conforme já fora elucidado, passa a ser um ingrediente valioso no discurso regionalista do Rio Grande do Sul. Também fora explanado que este discurso, baseado no esporte, é decorrente do imaginário do povo gaúcho ao mesmo tempo em que se torna um novo estímulo às reivindicações sulistas. Com as conquistas da dupla Gre-Nal na Libertadores da América e Mundial de Clubes, todos os valores e concepções do “gauchismo” ganham um novo alento, agora estritamente fundamentado no futebol.

⁷⁰ FRAGA, Gerson Wasen. Op. Cit., p. 39.

⁷¹ POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 201.

O regionalismo, como uma ideologia a ser compartilhada, só é bem sucedido, como salienta Ruben Oliven, “[...] na medida em que consegue dar a impressão de unificar os interesses de diferentes grupos sociais.”⁷² E para ele, este sentimento regional no Rio Grande do Sul “[...] é um caso bem sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo o estado.”⁷³

A ideologia que é compartilhada pela população rio-grandense em geral, é aquela composta pelos valores já destacados do imaginário gaúcho, da força, da bravura, da coragem, e o futebol também está mergulhado nesta óptica. As reportagens que dão conta das conquistas de Grêmio e Internacional, tanto no que diz respeito à Copa Libertadores e ao Campeonato Mundial, buscaram alimentar estas particularidades.

No triunfo sul-americano gremista, no dia seguinte a conquista, estava estampado nas páginas do Correio do Povo os elementos constitutivos da vitória sobre o Peñarol

“Desde o início estava todo mundo unido. Foi uma vitória de lavar a alma. E deu para chutar longe as tristezas. A **garra gaúcha cresceu**. A **força da nossa gente** garantiu mais um título para o Brasil. Este, ninguém mais nos tira. Agora, é buscar o outro, lá em Tóquio. Dá-lhe Grêmio.”⁷⁴ [grifo meu]

O correspondente esportivo Antônio Goulart também ressalta estas características do futebol gaúcho ao afirmar que “Os campeões se forjam mais na base da **garra**, do **suor** e do **sangue** do que da técnica e do jogo bonito. O grêmio foi assim, na noite histórica de ontem.”⁷⁵ [grifo meu]. Contudo, não fora somente com o êxito tricolor no campeonato continental que as exaltações das qualidades “genuinamente” gaúchas aparecem no periódico. Quando o Internacional sagrou-se campeão da mesma competição, não faltaram elogios e exaltações do estilo de jogo rio-grandense. Na campanha vencedora, antes de disputar a final, o Correio do Povo evidenciava em uma das manchetes “Inter **raçudo** espera o São Paulo.”⁷⁶ [grifo meu] E com a consagração

⁷² OLIVEN, Ruben George. Op. Cit., p. 21

⁷³ Ibidem, p. 65.

⁷⁴ Jornal Correio do Povo 29/07/1983, p. 17.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Jornal Correio do Povo 03/08/2006, p. 32.

do título, o jornalista Hiltor Mombach acentua, novamente, estes elementos: “Time macho esse. Macho à gaúcha. Macho de fazer argentino morrer de inveja. Macho como honra a tradição do Rio Grande. Macho!”⁷⁷

Todos estes atributos imbuídos ao “futebol gaúcho” são a extensão da ideologia dominante na própria região. Todas as qualidades exigidas para a vida em territórios sulinos, tal qual fora preciso ao longo da formação do Estado, no esporte demonstram o mesmo valor e importância para o público. Ora, raça, bravura, coragem, são características que todos os torcedores de qualquer que seja o clube desejam ver em seus jogadores, e não são poucos que as têm. No entanto, a valorização que estas aptidões possuem em territórios rio-grandenses é muito maior e mais idolatrada, devido, novamente, a todo o tradicionalismo regional criado e a ligação histórica que elas têm com o Rio Grande do Sul.

Poder-se-ia pensar que o enaltecimento destas características ocorre com mais intensidade nos nossos vizinhos platinos, entretanto, na formação da identidade do gaúcho rio-grandense ela é posta em oposição ao gaúcho da região do Prata. Como todo o processo constitutivo de uma ideologia local, apropria-se de elementos, dando a eles uma conotação positiva, na qual a transmissão dos mesmos tenha grande aceitabilidade junto à população.

Pela visão do *Correio do Povo*, os êxitos gaúchos nas competições continental e mundial representam, igualmente, orgulho e alegria não somente para os clubes, seus respectivos torcedores e adeptos, mas para todo estado. Antes de obter o título da Libertadores, no que diz respeito ao Grêmio, a imprensa da região exaltava, acima de tudo, a importância dele para o Rio Grande do Sul, como algo inédito: “Depois do excepcional resultado obtido pelo Grêmio no Centenário, não há mais dúvidas que o Rio Grande do Sul está perto de sua maior conquista no futebol: o título da Libertadores da América.”⁷⁸. Lasier Martins, no dia desta decisão, marca a relevância da data

“Aí está um 28 de julho para ficar na história. As datas sempre foram pontos de apoio e referência à limitação do homem. Sempre foi colocado marcos ao longo dos tempos que se aprendeu a evolução das coisas. Pois a tradição serve também ao futebol. Este hoje pode ficar na memória como o dia em que o clube do sul do Brasil conquistou a América [...]”⁷⁹

⁷⁷ *Jornal Correio do Povo* 17/08/2006, p. 26.

⁷⁸ *Jornal Correio do Povo* 24/07/1983. Esportes, p. 2.

⁷⁹ *Jornal Correio do Povo* 28/07/1983, p. 17.

Com a concretização do sonho, não faltaram adjetivos para descrevê-lo. Talvez seja sintomática a definição de João Carlos Belmonte a respeito da conquista, afirmando ser uma época de ouro para o esporte no Rio Grande do Sul, onde o “futebol gaúcho” vivia “[...] o maior período futebolístico de sua história.”⁸⁰ Em outra edição do Correio do Povo este mesmo jornalista segue realçando o caráter regional desta vitória, onde este título pertence ao Grêmio, “[...] mas, acima de tudo, é um título do futebol gaúcho, o futebol já quatro vezes campeão brasileiro.”⁸¹

Esta elevação do futebol rio-grandense ocorre, da mesma maneira, em relação aos títulos no Campeonato Mundial de Clube. Antes mesmo da disputa contra o Hamburgo, a imprensa regional não se cansava de salientar a relevância que o confronto teria para todo o estado gaúcho, podendo este, através do esporte, conquistar o mundo pela primeira vez. Com o resultado positivo o jornal Correio do Povo reservou uma página inteira para simplesmente sublinhar a conquista gremista e a façanha do futebol regional: “Parabéns campeão, nunca o futebol gaúcho foi tão longe.”⁸²

Nesta “campanha” gremista no Mundial o fato mais emblemático para a análise de uma identidade regional consta numa declaração de João Giugliani Fiho, presidente da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), o órgão máximo de representatividade do esporte no Estado, onde o mesmo sugere que os feitos realizados pelo Grêmio até então, não deveriam ser compartilhados somente por seus torcedores, e sim por todo o estado rio-grandense.

⁸⁰ Jornal Correio do Povo 31/07/1983. Esportes, p. 3.

⁸¹ Jornal Correio do Povo 29/07/1983, p. 18

⁸² Correio do Povo 16/12/1983, p. 13.



**Grêmio
Foot-Ball
Porto Alegrense**

O Rio Grande do Sul está a um passo do seu maior título: **CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES**. É o que está nos faltando para tornarmos-nos um Estado invejável em títulos e conquistas. Somos Campeões **PAN-AMERICANOS**, quando esta competição era disputada pelas melhores equipes de cada país das três Américas. Somos quatro vezes campeões brasileiros. Somos Bicampeões de Júniores, e somos Campeões da Libertadores da América.

Só está nos faltando o **MUNDIAL DE CLUBES**, um título só conseguido pelo Santos FC, da era **PELÉ**, e pelo Flamengo, da época de **ZICO**.

Como Presidente da Federação que congrega todos os clubes gaúchos, independente da cidade ou categoria, entendo que esta conquista não será isolada, não será propriedade privada. *Ela representa o grau de capacidade alcançado pelo nosso futebol.* Ela será uma vitória de todos, e, como tal, todos devemos estar unidos, mostrando o nosso apoio e incentivo aos dirigentes e jogadores do Grêmio, que vão representar a força do **futebol GAÚCHO**.

DOMINGO, o Olímpico vai abrir seus portões para a grande festa da despedida e lá deverá estar a torcida gaúcha, despida de clubismo, levando no seu aplauso e entusiasmo a esperança de uma volta triunfal.

A festa de domingo constituirá, sem dúvida, a síntese do nosso sentimento solidário pela vitória.

João Giugliani Filho
Presidente

83

Esta declaração nos permite uma breve análise, principalmente no que tange aos estudos de Pierre Bourdieu sobre a questão da região. Sendo este discurso proferido pelo presidente da FGF, ele o está dotado de autoridade para tal, tendo, dessa forma, legalidade para fazer esta afirmação em nome dos gaúchos. Bourdieu chamou isso de discurso performativo, que é uma característica do discurso regionalista, e que para ele surtir o efeito desejado aquele que o pronuncia deve ter autoridade legal e oficial reconhecida por todos. Dessa maneira, o autor defende que

“A eficácia do discurso performativo que pretende fazer sobrevir o que ele enuncia no próprio ato de o enunciar é proporcional à autoridade daquele que o enuncia: a fórmula ‘eu autorizo-vos a partir’ só é *eo ipso* uma autorização se aquele que pronuncia está autorizado a autorizar, tem autoridade para autorizar.”⁸⁴

⁸³ Jornal Correio do Povo 01/12/1983, p. 18.

⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 116.

Ruben Oliven igualmente enfatiza, apropriando-se das idéias de José Guilherme Cantor Magnani, o papel do discurso regionalista na formação e manutenção de uma ideologia, uma vez que

“[...] para que uma ideologia se realize como tal, ‘capture’ os sujeitos, provoque adesão, é preciso que as significações produzidas pelo seu discurso encontrem eco no imaginário dos indivíduos aos quais se dirige, isto é, é preciso que se dê uma certa adequação entre as significações desse discurso e as representações dos sujeitos.”⁸⁵

A manifestação do presidente da FGF indica – e não podemos afirmar que está além de indícios, visto a impossibilidade de alcançar a percepção do público leitor – que a mesma tem capacidade para inferir algo legítimo à população, pois, segundo os autores acima citados, a eficácia daquela está assentada na vinculação entre a autoridade de quem declara junto com as significações que o discurso é capaz de produzir. A figura do presidente como representante de todo o futebol do estado, tem, portanto, força política para legitimar um discurso futebolístico.

Cabe aqui uma ressalva a respeito da crônica esportiva. Já fora levantando o problema alusivo a ela no que concerne à própria forma de apresentação do periódico. Contudo, no que se refere ao ponto de vista do Correio sobre o sentimento de identidade regional, a crônica apresenta-se, de maneira igual, com uma variedade maior para as conquistas do Grêmio. O embasamento para a explicação reside no fato da primogenitura dos títulos gremistas. Sendo o Grêmio o primeiro clube gaúcho a conquistar as competições continental e mundial, o ineditismo baseou-se somente nos seus êxitos. As vitórias galgadas pelo Internacional, logo, acabam sendo retratadas mais como um elemento de equiparação com o seu rival. Isto posto, uma análise da identidade clubística se faz necessário, visto que, conforme já evidenciado, seria ingênuo pensar que nestas conquistas “gaúchas”, gremistas e colorados mantiveram o sentimento regional sobreposto ao relativo ao clube.

⁸⁵ MAGNANI, José Guilherme Cantor. Ideologia, LAZER E Cultura Popular: um Estudo do Circo-Teatro nos Bairros da Periferia de São Paulo. Dados, vol. 23, nº2, 1980, p. 183 apud OLIVEN, Ruben George. Op. Cit., p. 21.

3.2. O sentimento de identidade clubística

Na apresentação da obra já citada de Arlei Damo, Ruben Oliven demonstra como o trabalho do primeiro discute o sistema de lealdades através da qual o futebol funciona.

“Torcer significa pertencer, e pertencer a um clube significa ser leal a ele. Vibrar quando ele ganha, sofrer resignadamente quando ele perde. Participar do mundo do futebol significa escolher um ‘clube do coração’. Uma vez feita a opção, ela não deve ser alterada, pois o torcedor passa a pertencer ao clube. E o time deste clube está sempre competindo com os outros, que são definidos como adversários.”⁸⁶

O componente clubístico desempenha, assim, posição destacada na vida do torcedor que opta por seguir alguma agremiação futebolística. Talvez por isso aqueles torcedores que mudam de time, não são estimados por nenhuma das partes envolvidas – torcedores do clube que eles torciam, e os que eles decidiram começar a torcer – pois “[...] alguém que trocou de lado [...] não é muito confiável.”⁸⁷

A lógica de pertencimento a algum clube, quando há a existência de outro, principalmente na mesma localidade, cria uma rivalidade tangente aos dois. “A rivalidade entre os grupos de uma mesma cidade tende a ser maior do que entre clubes de cidades diferentes. Quando só há dois grandes clubes na mesma cidade o antagonismo tende a ser maior.”⁸⁸ Luis Fernando Veríssimo representa o tamanho desta realidade vivida no Rio Grande do Sul.

“Uma rivalidade que tem algo de selvagem, na medida em que o sucesso de um não apenas desconcerta o outro, mas que é responsável por todas as conquistas de Grêmio e Internacional nestes últimos anos. [...] Se o que move o capitalismo é a fome do lucro, **o que move o irracional futebol de Porto Alegre é a fome da flauta.** Há rivalidades parecidas no resto do Brasil, mas duvido que haja outra igual.”⁸⁹ [grifo meu]

Se a rivalidade existente entre a dupla Gre-Nal é capaz de atingir tamanhas proporções, a ponto de, segundo grifo realizado no excerto da obra de Veríssimo, ser a força motora do futebol porto-alegrense – e também da grande maioria do estado – a imprensa gaúcha, além de suscitar um ideário regional, retratou também como era

⁸⁶ DAMO, Arlei Sander. Op. Cit., p. 9.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ FRANCO JÚNIOR, Op. Cit., p. 204.

⁸⁹ VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Traçando Porto Alegre* – 6ª edição. Porto Alegre. Artes e Ofícios Editora LTDA, 1996. p. 58.

vivido este antagonismo futebolístico porto-alegrense. Ao se tratar dos títulos de maior expressão para os clubes sul-americanos, ao mesmo tempo em que isto fomenta um possível sentimento de identidade regional, instiga manifestações e posicionamentos estritamente clubísticos.

Na campanha gremista da Copa Libertadores, onde fora possível perceber o periódico retratando uma identificação com os valores do “gauchismo”, confere-se igualmente ao antagonismo Gre-Nal. Antes da primeira partida da final, Antônio Goulart expunha em sua coluna: “Hoje é dia de se reconhecer um gremista até pelo jeito de caminhar. Pela expressão fisionômica, será por demais óbvio: todos estão demonstrando um sorriso de **superioridade**.”⁹⁰ [grifo meu] O grifo realizado é representativo na medida em que o sentir-se superior por parte dos gremistas é feito em referência a alguém, o outro. O outro aqui se designa não somente ao torcedor colorado, que pelo vínculo que tem com seu clube estaria interessado num fracasso do rival, contudo, ele é constituído por todos aqueles que não são torcedores do Grêmio. Além disso, quando o cronista afirma que se poderá perceber esse ar de superioridade, ele reforça a idéia que “Todo torcedor o é em tempo integral, mesmo longo dos estádios.”

91

Até aquele momento, ano de 1983, o Internacional já era três vezes campeão brasileiro, contra um único gremista, e também detinha o bicampeonato regional. Sendo assim, a conquista da Libertadores para o Grêmio significaria, além de uma vitória importante para a própria entidade, a possibilidade de ultrapassar o rival no prestígio de títulos. “A Taça Libertadores representa para o Grêmio a estabilização financeira; aumento do prestígio e uma vantagem na eterna disputa local.”⁹² Lasier Martins, igualmente, reforça esta disputa regional

“A dupla Gre-Nal tem vivido de desafios permanentes, fenômeno próprio a uma rivalidade. Mais remotamente foram os certames regionais: o importante era somar mais títulos ou espichar as conquistas mais sucessivas. Segundo as estatísticas – o Inter guardou vantagem. Depois foram as competições nacionais, onde o Inter também acumulou melhor número. Restavam as disputas da Libertadores, justamente as mais valorizadas por elementar questão de hierarquia. Em 80 o Inter morreu na praia ao parar no Nacional, de Montevidéu. Não passou de um nostálgico vice-campeonato, definido

⁹⁰ Jornal Correio do Povo 22-07-1983, p. 17.

⁹¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Op. Cit., p. 311.

⁹² Jornal Correio do Povo 24/07/1983. ESPORTES, p. 1.

assim porque a conquista estava muito à feição e foi desperdiçada. Pois, agora, o Grêmio está a um passo da superação completa do tradicional rival: um título da Copa Libertadores, feito inédito no Sul e particularmente invejável ao lado vermelho. Daí porque o Grêmio se empenha com tamanho ardor e irrefreável paixão: numa única partida e dentro de casa, poderá sobrepujar, de uma vez só, todo o acervo de conquistas do tradicional rival.”⁹³

Aqui se inverte a lógica do item anterior, onde os títulos da Libertadores e do Mundial pertenciam ao Grêmio ou ao Internacional, contudo representavam um orgulho para todo o estado. Se, estas conquistas não deixam de representar motivo de ostentação para todos os gaúchos, elas significam mais ainda para seus torcedores e adeptos. Por mais que possa parecer repetitivo, não se deve esquecer que o clube, para a maioria de seus seguidores, vem em primeiro lugar dentro das paixões futebolísticas. Não são poucas as oportunidades que se observam em jogos de selecionados nacionais camisetas de clubes em meio à multidão. Ademais, em se tratando da dupla gaúcha, Arlei Damo sustenta que

“O ‘ser gremista’, tomado isoladamente, pouco tem a dizer. A paixão pelo Grêmio implica também na aversão ao Internacional. Nesta perspectiva, dizer-se gremista é, mesmo que veladamente, dizer-se anticolorado e não-flamenguista, palmeirense, santista e assim por diante [da mesma forma que o contrário, ser colorado é o mesmo que ser antigremista se apresenta como legítimo].”⁹⁴

No caminho percorrido pela dupla Gre-Nal, no Campeonato Mundial de Clubes, a rivalidade entre os dois ocorrera, conforme representou o periódico, com intensidade. Na semana em que se realizaria a final entre Grêmio e Hamburgo, Lasier Martins chamou o evento de “A obsessão pelo tema”, tanto para colorados quanto para gremistas, segundo ele

“O jogo de Tóquio invadiu todos os ambientes. [...] Na Rua da Praia se fala no jogo a cada dez metros, no táxi é assunto, nos cafés idem e por aí fora. **Há muito não havia por aqui jogo tão falado.** Acho até que nunca houve coisa igual, ao menos de clube gaúcho. Fico imaginando a maneira de se levar o tema até sábado a meia noite. Há urgência de novidades para sustentar tanta expectativa e apetite por assunto tão obsessivo. Os gremistas sofrem com a espera e os colorados igualmente. Há muita secação na praça. Vai ser a noite mais

⁹³ Jornal Correio do Povo 24/07/1983. ESPORTES, p. 2.

⁹⁴ DAMO, Arlei Sander. Op. Cit., p. 54.

nervosa do futebol gaúcho dos últimos tempos. E depois do jogo, de certeza, haverá foguetório. Só não se sabe ainda de quem.”⁹⁵ [grifo meu]

A popularidade da partida em questão reforça a concepção de que os torcedores têm entre o gosto pelo esporte e o entendimento do mesmo. Arlei Damo defende que a paixão futebolística desafia a idéia de que gostar de futebol implica em entendê-lo. “Se é raro encontrar um futebolista praticante que não tenha seu ‘clube do coração’, é comum pessoas com escassa ou nenhuma prática deste esporte se dizerem torcedores fanáticos. Em outras palavras, a opção clubística transcende o próprio futebol.”⁹⁶

Não fora, contudo, somente na participação gremista que os elementos que compõem o antagonismo Gre-Nal se fizeram presentes. Lembramos que no ano da conquista colorada o Grêmio já havia saído vitorioso da competição em uma oportunidade e, conforme já destacado, é de se imaginar que o sentimento de identidade clubística se faz muito mais presente e acentuado na campanha colorada, para ambos os lados. Nos dias que antecediam a final do Mundial de Clubes, torcedores gremistas colocavam suas esperanças no clube catalão e na figura de um jogador, Ronaldinho “Gaúcho”. Ilgo Winck, jornalista do Correio do Povo, demonstra a relação que gremistas e colorados mantinham, na ocasião, com a partida e o jogador:

“A cada dia que passa mais aumenta a expectativa, a ansiedade, tanto de gremistas como de colorados. Secadores e torcedores, respectivamente. Cheguei a tempo no jornal para ver boa parte do jogo [Barcelona e América do México], vencido pelo Barcelona. Show de Ronaldinho, esperança gremista e fonte de pesadelo dos colorados.”⁹⁷

Antigo desafeto gremista⁹⁸, o jogador viu o seu nome voltar a ser proferido pelos torcedores de seu antigo clube, a fim de que pudesse impedir a vitória colorada. Esta questão é relevante, uma vez que um atleta que teve seu vínculo não só profissional mas também emocional quebrado junto ao clube, tem, a partir de um jogo que oficialmente não teria nada a que competir ao Grêmio, a possibilidade de amenizar as tensões que existiram entre os dois. Isto prova o sistema de lealdades na qual o futebol opera. De acordo com Damo, “Quem gosta de futebol não apenas aprecia sua prática ou fruição,

⁹⁵ Jornal Correio do Povo 07/12/1983, p. 13.

⁹⁶ DAMO, Arlei Sander. Op. Cit., p. 35.

⁹⁷ Jornal Correio do Povo 05/12/2006, p. 22.

⁹⁸ O jogador, revelado pelo Grêmio, saiu do clube de maneira conturbada após assinar um pré-contrato com o Paris Saint-Germain sem o consentimento da direção gremista.

senão que o faz a partir de um referencial: o clube do coração.”⁹⁹ Dessa maneira, o destino da paixão, por parte dos torcedores, é o seu clube, pois os mesmos sabem que a relação do jogador com o clube, na maioria das vezes é passageira e efêmera. Sendo este jogador em questão, juntamente com seu clube, o adversário do Internacional, para os gremistas, o desafeto entre eles pode ser relegado a um segundo plano, pois, “[...] todo jogador, por maior que seja, é menor que o jogo, e todo o jogo, por mais popular que seja, é menor que a sociedade na qual se desenvolve.”¹⁰⁰ E a sociedade gaúcha, pelo menos no campo futebolístico, é movida pelo antagonismo da dupla Gre-Nal.

Por fim, cabe marcar a atuação da FGF nas conquistas do Internacional. Após o clube colorado sagrar-se campeão da Copa Libertadores da América, o jornal Correio do Povo publicava uma mensagem da Federação, ressaltando a conquista: “Ele colocou a América inteira aos seus pés. Mesmo tendo só um.”¹⁰¹ Esta declaração passa a ser passível de análise, ao passo que, na ocasião em que o Grêmio saíra vitorioso da competição continental e se preparava para disputar a mundial, o presidente da FGF da época fora categórico ao exaltar a conquista como um bem que deveria ser partilhado por todos os rio-grandenses e que a conquista pertencia ao Rio Grande do Sul. O que chama a atenção no caso colorado, é a total ausência de qualquer tipo de menção em relação ao sentimento regional. Contudo, isto só vem a confirmar o que já fora destacado aqui, os títulos do Grêmio receberam este cunho regionalista pela sua primogenitura, cabendo às conquistas do Internacional, instigar, mais ainda, o sentimento clubístico.

⁹⁹ DAMO, Arlei Sander. Op. Cit., p. 12.

¹⁰⁰ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Op. Cit., p. 100.

¹⁰¹ Jornal Correio do Povo 17/08/2006. ESPECIAL. p. 4.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol tornou-se o esporte mais popular em todo o planeta. Eric Hobsbawm reforça esta idéia ao afirmar que ele fora escolhido por toda a sociedade mundial para ser o seu esporte.¹⁰² Naquelas regiões onde o mesmo não desfruta de tanto prestígio ele ainda consegue mobilizar grandes contingentes a sua volta, principalmente em períodos de campeonatos mundiais de seleções.

No Brasil, conforme procurei demonstrar no primeiro capítulo, é indiscutível a importância deste esporte na formação da identidade de seu povo. Não fora, contudo, desde sua chegada, na virada do século XIX para o século XX, que ele converteu-se num elemento significativo para o debate. O futebol precisou um longo caminho, marcado pela superação do elitismo e exclusão social inerentes, até então, ao esporte.

Passando à condição de principal esporte do país, o futebol começou a atrair e mobilizar grandes massas. Esta capacidade aglutinadora e catalisadora do mesmo, não passou despercebida pelos representantes políticos, a partir de Getúlio Vargas a paixão futebolística passou a ser instigada da mesma forma que se procurava fazer com a paixão política. Para Hilário Franco Júnior,

“À medida que o futebol caía no gosto popular, foi se acelerando no mesmo ritmo sua utilização como instrumentos político. [...] Políticos de todos os matizes perceberam a imensa capacidade que ele tem de mobilizar sentimentos coletivos, sejam eles grupais, regionais ou nacionais.”¹⁰³

Contudo, enquanto se buscava nesta capacidade aglutinadora do futebol elementos para a construção de uma identidade nacional, ele também fora utilizado para afirmações regionalistas. Ou seja, ao mesmo tempo em que o esporte mobilizava a população em volta de sua seleção nacional, ele passava a compor discursos regionalistas de reivindicações ao poder central. O caso do Rio Grande do Sul, como busquei demonstrar nesta pesquisa, assume o exemplo mais emblemático.

A afirmação nacional do “futebol gaúcho” sempre fora uma marca em sua trajetória, no entanto, ao atentarmos a história do estado rio-grandense, esta marca não se limita ao futebol. Este último, como elemento constitutivo de um discurso

¹⁰² HOBBSAWM, Eric. Op. Cit., 1995, p. 196.

¹⁰³ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Op. Cit., p. 168.

regionalista, ao mesmo tempo em que representa um sentimento de identidade regional, é resultado dele, de um imaginário construído e forjado a partir dos processos que formaram o atual território do Rio Grande do Sul.

Procurei compreender, a partir dos eventos específicos – as conquistas dos campeonatos mundiais, assim como da Copa Libertadores da América por parte de Grêmio e Internacional –, como eles representariam o sentimento regional no estado. Sempre com olhar atento para a fonte, não busquei nela uma reprodução exata dos eventos “[...] mas interpretações do acontecido, interpretações estas carregadas de subjetividade de seus produtores, e portanto, suas perspectivas e limitações ideológicas e culturais.”¹⁰⁴

O sentimento regional se fez presente em ambas as conquistas da dupla Gre-Nal, elementos que fazem alusão ao estilo de jogo praticado aqui, e características que se tornaram fundamentais no estilo de vida sulino, as quais foram incorporadas no meio futebolístico. Pra Ruben Oliven, a questão central do regionalismo gaúcho – e em parte o seu sucesso – é a sua capacidade de recolocar no discurso elementos que já não fazem parte do cotidiano rio-grandense.

“O que chama a atenção é como são recorrentes os temas que ocupam os gaúchos em períodos tão diversos. Há uma constante evocação e atualização das peculiaridades do estado e da fragilidade de sua relação com o Brasil. O Rio Grande do Sul pode ser visto como um estado onde o regionalismo é constantemente resposto em situações históricas, econômicas e políticas novas. Mas embora as conjunturas sejam novas e a roupagem e linguagem do discurso se modernize, o substrato básico sobre o qual estes discursos repousam é surpreendentemente semelhante. Nesse sentido, poder-se-ia afirmar que o gauchismo é um caso bem sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo o estado. A continuidade e vigência desse discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha.”¹⁰⁵

Conforme já fora salientado, ao analisar os dois tipos de identidades, fora possível perceber, na visão do Correio do Povo, um sentimento regional, contudo, eles competem muito mais aos êxitos galgados pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, deívdo, principalmente, pelo sua primogenitura. Para atingir este objetivo, não se

¹⁰⁴ FRAGA, Gerson Wasen. Op. Cit., p. 21

¹⁰⁵ OLIVEN, Ruben George. Op. Cit., p. 65.

poderia, portanto, negligenciar o sentimento clubístico presente na abordagem do periódico, visto que, nenhum elemento permite que possamos inferir que o sentimento de pertença a algum clube se faça menos intenso que o regional. Gremistas são torcedores do Grêmio e colorados do Internacional, ambos gaúchos, mas acima de tudo torcedores de suas agremiações futebolísticas. Para explorar melhor a questão das identidades clubísticas, pensando que a regional se faria mais presente, seria preciso muito mais que analisa da imprensa local, passando a uma pesquisa de campo, diretamente com aqueles que são os responsáveis pela sobrevivência dos sentimentos de pertencimentos futebolísticos: os torcedores.

FONTES

Fonte Primária

I. Periódico

Jornal Correio do Povo (Museu de Comunicação Hipólito José da Costa)

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINO, Gilberto. Nós e *Ellos, Nosotros* y Eles. Brasil X Argentina: Os inimigos Fraternos. In: Memória social dos esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BILHÃO, Isabel Aparecida. Identidade e Trabalho: Análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 a 1920). Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2005. Tese de Doutorado.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1989.

CARDIA, Rodrigo Catto de. “Jean Marie, o Brasil vai até o Chuí”: Futebol e identidade “gaúcha” nas páginas da Folha Esportiva (1967-1972). Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009. p. 4. Trabalho de Conclusão de Curso.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e identidade social. Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

ELMIR, Cláudio Pereira. Uma aventura com o Última *Hora*. O jornal e a pesquisa histórica. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

FRAGA, Gerson Wasen. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009, p. 39. Tese de Doutorado.

_____. Brancos e Vermelhos: A Guerra Civil Espanhola através das páginas do Correio do Povo (1936-1939). Porto Alegre. UFRGS/IFCH, 2004. Dissertação de Mestrado.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 de futebol gaúcho: a construção da “província de chuteiras”. In: Anos 90. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, n. 13.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. O Breve Século XX. 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Nações e nacionalismo desde 1780: programa mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MASCARENHAS, Gilmar. A via platina de introdução do futebol no RS. Lecturas: Educación Física y Deportes – Revista Digital – Buenos Aires – Año 5 – Nº 26 – Outubro de 2000.

NEUMANN, Eduardo Santos. A fronteira tripartida: a formação do Continente do Rio Grande – século XVIII. In: GRIJÓ, Luis Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (orgs.). Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

POLLAK, Michael, Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, 1989.

RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras. São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Uma Breve História Social do Esporte no Rio de Janeiro. In: Memória social dos esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, Futebol: Uma Paixão Coletiva. In: Memória social dos esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Traçando Porto Alegre* – 6ª edição. Porto Alegre. Artes e Ofícios Editora LTDA, 1996.